

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A CRIANÇA AUTISTA: REVISÃO INTEGRATIVA

Anderson Brito de Oliveira¹
Laura Larissa Araújo Garrido²
Kathianny Kayca Santos Medeiros³
Izabela Leia Gomes de Assis Dantas⁴
Ellen Vanuza Martins Bertelli⁵
Daniela Trindade de Sousa⁶

Resumo: O transtorno do espectro autista (TEA) pode ser caracterizado como uma síndrome comportamental complexa, que afeta o desenvolvimento comunicativo, afetivo e das relações sociais e provoca comportamentos repetitivos e restringe o repertório de interesses e de atividades da pessoa com esse transtorno. Este trabalho teve como objetivo definir critérios para entender como o profissional de enfermagem pode acolher pacientes com autismo e proporcionar o melhor tratamento. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura por meio de um levantamento retrospectivo das pesquisas publicadas no período de 2018 a 2023. A busca foi realizada por meio de pesquisas nas bases Literatura Latino-americana de Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Palavras chave: Assistência – Enfermagem – Transtorno do aspecto autista

Abstract: Autism spectrum disorder (ASD) can be characterized as a complex behavioral syndrome, which affects the communicative, affective development and social relationships and causes repetitive behaviors and restricts the repertoire of interests and activities of the person with this disorder. This work aimed to define criteria to understand how nursing professionals can welcome patients with autism and provide the best treatment. This is an integrative review of the literature through a retrospective survey of research published in the period from 2018 to 2023. The search was carried out through searches in the Latin American Health Sciences Literature (LILACS) databases, Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Virtual Health Library (BVS).

Keywords: Assistance – Nursing – Autistic aspect disorder

¹ Acadêmico do Curso de Bacharelado de Enfermagem do Centro Universitário Estácio da Amazônia, e-mail: anderson220312@gmail.com

² Acadêmico do Curso de Bacharelado de Enfermagem do Centro Universitário Estácio da Amazônia, e-mail: lauraaraujorr@gmail.com

³ Acadêmico do Curso de Bacharelado de Enfermagem do Centro Universitário Estácio da Amazônia, e-mail: kathiannymedeiross@gmail.com

⁴ Acadêmico do Curso de Bacharelado de Enfermagem do Centro Universitário Estácio da Amazônia, e-mail: izabela.il52@gmail.com

⁵ Docente do Curso de Bacharelado de Enfermagem do Centro Universitário Estácio da Amazônia, e-mail: ellenvanuza@gmail.com

⁶ Docente do Curso de Bacharelado de Enfermagem do Centro Universitário Estácio da Amazônia, e-mail: daniela.sousa@estacio.br



1 INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) pode ser caracterizado como uma síndrome comportamental complexa, que afeta o desenvolvimento comunicativo, afetivo e das relações sociais e provoca comportamentos repetitivos e restringe o repertório de interesses e de atividades da pessoa com esse transtorno (ZANON et al., 2014).

A Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Autismo, criada em 27 de dezembro de 2012, pela lei nº 12.764, tem como diretrizes: a atenção integral as necessidades de saúde da pessoa com TEA, objetivando o diagnóstico precoce e o atendimento multiprofissional. Além disso, apronta a comunicação e interação social como uma das principais manifestações clínicas dessa deficiência (CARDOSO, 2018).

O Ministério da Saúde informa que os sinais do neurodesenvolvimento da criança podem ser percebidos nos primeiros meses de vida. Com o diagnóstico por volta dos 2 a 3 anos de idade a prevalência do distúrbio é maior no sexo masculino. A etiologia do Transtorno do Espectro Autista ainda permanece desconhecida, evidências científicas apontam que não há uma causa única, mas sim a interação de fatores genéticos e ambientais. Dados do Sistema de Informação Ambulatoriais (SAI) mostram que o Brasil realizou em 2021, 9,6 milhões de atendimento ambulatoriais a pessoas com autismo, sendo 4,1 milhões ao público infantil com até 9 anos de idade (FERNANDES, 2018).

Não há cura para o TEA, mas o tratamento faz com que os portadores possam ter autonomia para exercer atividades diárias, como se alimentar e se vestir, por exemplo (MONTEIRO et al, 2008). O tratamento do TEA precisa ser feito por uma equipe multidisciplinar, composta principalmente por fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, psicólogo clínico, neurologista, psiquiatra, pediatra e enfermeiro.

Os profissionais de enfermagem envolvidos na equipe disciplinar precisam compreender, primeiramente, que as crianças com TEA podem se comportar de maneiras diferentes, o que evidencia a necessidade de uma avaliação individualizada e particular. Sabe-se que o enfermeiro, no ambulatório, tem que estar atento, principalmente, aos sintomas e orientar o paciente ou familiar quanto aos fatores de risco associados a fim de evitar ou reduzir complicações. Torna-se essencial que se explique todo e qualquer procedimento a fim de se diminuir a ansiedade e a surpresa do paciente frente ao novo, reduzindo o medo do desconhecido (MELO, 2022).



Para isto, este trabalho tem como questão norteadora investigar de que realizada a assistência de enfermagem aos pacientes portadores de TEA e seus familiares de acordo com a literatura científica já publicada?

O objetivo deste trabalho será estabelecer critérios para entender como o profissional de enfermagem pode acolher pacientes com autismo e proporcionar o melhor tratamento. Tendo como objetivos específicos, descrever o que a literatura científica mais atual traz a respeito da assistência humanizada de enfermagem junto à criança autista, analisar a assistência de enfermagem aos pacientes com transtorno do espectro autista (TEA) e avaliar ações que possam melhorar o atendimento a pacientes com transtorno do espectro autista (TEA) (HOFZMANN et al., 2019).

Portanto a assistência de enfermagem é de grande relevância, pois ao atender um paciente com TEA, o profissional de enfermagem vai trazer orientações de forma educacional, facilitando a compreensão dos pais e responsáveis sobre o diagnóstico, ensinando técnicas para incentivar o desenvolvimento cognitivo e motor, e reconhecimento e sinais e sintomas para o diagnóstico precoce (FEIFER et al., 2020).

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Para desenvolver este artigo, optamos por escolher o método da revisão integrativa da literatura, que tem como objetivo reunir e resumir informações e resultados de pesquisas sobre um tema específico de maneira sistemática e ordenada. A escolha se justifica porque é um método abrangente, mas, ao mesmo tempo, nos permitirá o aprofundamento sobre o tema em questão e fazer apontamentos que possam ajudar no desenvolvimento de outros trabalhos sobre o mesmo tema.

A partir da escolha do tema e da metodologia, estruturamos etapas para a elaboração deste estudo com base na seleção metodológica: a definição da questão norteadora, definição dos critérios para incluir ou excluir artigos que farão parte da amostra a ser analisada, análise e interpretação dos artigos e a apresentação dos resultados e das considerações finais (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Os artigos a serem selecionados estarão nessas bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online



(SCIELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Serão selecionados estudos com os seguintes Descritores em Ciências da Saúde: Assistência – Enfermagem – Transtorno do aspecto autista.

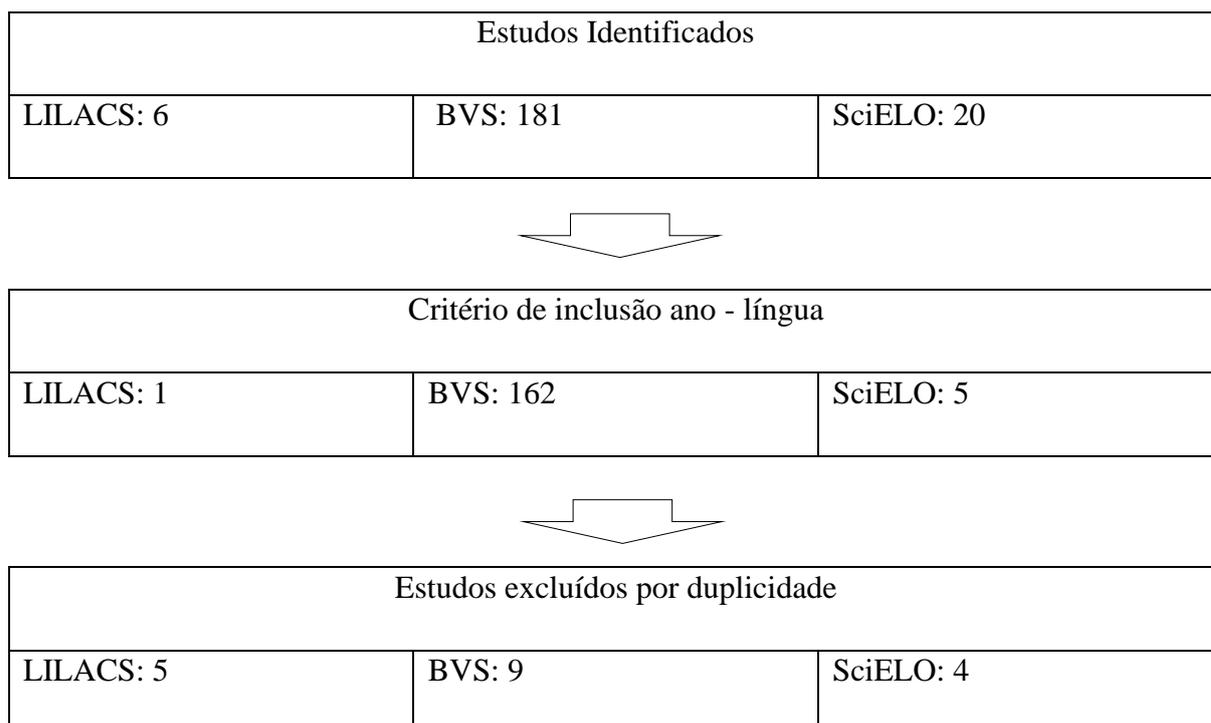
Os critérios para a seleção dos trabalhos foram artigos, dissertações, teses ou monografias, publicados por via eletrônica entre 2018 e 2023 e no idioma português, com a temática voltada ao interesse do trabalho.

Não serão incluídos trabalhos que disponibilizarem apenas os resumos, materiais duplicados, incompletos, com idiomas que não se enquadram aos de critérios de inclusão, sem datas correspondentes ao período delimitado além de trabalhos que não remetiam ao tema da pesquisa.

Após as pesquisas nas bases de dados e com o cruzamento dos descritores, foram encontradas 207 publicações e após a aplicação dos critérios de inclusão identificou-se 39 estudos. Em seguida foram excluídas 204 publicações, pois 168 não se adequaram ao critério de inclusão, é 18 por não se adequar ao tema e metodologia após leitura, por fim 18 foi excluído por duplicidade. Dessa forma, foram utilizados 3 artigos para amostra final, pois são os que respondem ao objetivo deste estudo, conforme mostrado na figura 1.

Palavras chaves: Assistência – Enfermagem – transtorno do aspecto autista

Figura 1 – Processo de busca e seleção dos artigos encontrados nas bases de dados.





Estudos excluídos após a leitura do título e resumo		
LILACS: 0	BVS: 5	SciELO: 8



Excluído por metodologia		
LILACS: 0	BVS: 3	SciELO: 2



Estudos elegíveis		
LILACS: 0	BVS: 2	SciELO: 1

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)



3 RESULTADOS

Com base nos artigos levando pela pesquisa, elaboramos os resultados abaixo.

Tabela 1 Distribuição da amostra conforme ordem do artigo, título do estudo, autores, ano de publicação, base de dados e metodologia.

Ordem	Título	Autores	Ano	Base de dados	Metodologia
A1	Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família.	Nascimento YCML; Castro CSC; Lima JLR; Albuquerque MCS; Bezerra DG.	2018	SciELO	pesquisa descritiva exploratória de abordagem qualitativa realizada na cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas, Brasil, onde enfermeiros foram sujeitos.
A2	Conhecimento de estudantes de enfermagem sobre os transtornos autísticos.	Ana Caroline Souza Saraiva Ferreira1; Mariana André Honroato Franzoi.	2019	BVS	Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, realizado com a equipe de enfermagem de uma Unidade Básica de Saúde-Escola da Região do ABC Paulista.
A3	O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano.	Soeltl, S. B.; Fernandes, I. C.; Camillo, S. O.	2019	BVS	Trata-se de estudo quantitativo, descritivo, realizado com estudantes de graduação em Enfermagem.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)



Tabela 2 – apresenta os resultados encontrados nos artigos, estão organizados de acordo com as seguintes variáveis: Ordem do artigo, Desfecho.

Artigo	Desfecho
A1	<p>O Artigo aponta que apenas alguns enfermeiros conseguem identificar sinais e sintomas de TEA em crianças, havendo dificuldades e falta de conhecimento sobre o assunto. Alguns participantes não entendem como uma atribuição do Enfermeiro o diagnóstico e identificação do transtorno, por falta de interesse e ênfase no assunto durante a graduação. Ainda apontam a falta de um fluxograma ou instrumentos e manuais que direcionem o atendimento e auxiliem na identificação, apesar de reconhecerem a importância da caderneta da criança como fonte de conhecimento. É traz como uma barreira no diagnóstico o estigma da família sobre o assunto e a falta de conhecimento dos Enfermeiros sobre a rede de atenção psicossocial.</p>
A2	<p>O artigo aborda o conhecimento limitado dos estudantes de enfermagem sobre o TEA e indica a internet como a principal fonte de informação utilizada para adquirir conhecimentos a respeito do assunto. A maioria só possui conhecimento sobre o assunto devido a experiências pessoais com pessoas próximas ou familiares. Evidencia falta de aprimoramento no assunto saúde mental e pouco conhecimento dos discentes destacando uma grande fragilidade no ensino sobre o tema na graduação.</p>
A3	<p>O artigo enfatiza que os profissionais de enfermagem não possuem um preparo eficaz e contínuo na graduação, a falta de aprofundamento no tema saúde mental, em especial sobre TEA fica nítido na pesquisa realizada. O trabalho também evidencia que os profissionais relatam ter receio para atender crianças com esse transtorno devido a falta de conhecimento e principalmente por falta de estudos científicos de enfermagem sobre o assunto, detendo informações incompletas e inconsistentes, resultando em agravos a saúde da criança com TEA e seus familiares.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)





4 DISCUSSÃO

A partir da análise dos conteúdos emergiram três categorias sobre a assistência de enfermagem aos pacientes portadores de TEA e seus familiares. A primeira categoria aborda “As lacunas causadas na assistência pela má formação sobre o assunto” a segunda categoria traz “Dificuldade que os Enfermeiros enfrentam na Assistência de Enfermagem pela falta de instrumentos direcionado ao fluxo de atendimento a crianças com TEA”. E a terceira categoria traz “A abordagem do Enfermeiro à família durante o diagnóstico e acompanhamento”

4.1 AS LACUNAS CAUSADAS NA ASSISTÊNCIA PELA MÁ FORMAÇÃO SOBRE O ASSUNTO

Ao analisar os artigos que foram selecionados como resultados da pesquisa, é possível observar que os artigos que estão presentes nas lacunas A1, A2 e A3, apresentam a mesma fragilidade no ensino sobre o tema saúde mental, apontando que por muitas vezes não é dado a importância necessária, tratando apenas de um ensino superficial, que não se aprofunda nas principais doenças da sociedade, com o TEA.

De acordo com Feifer et al., (2020) essa assistência do Enfermeiro à pessoa autista é apontada como fundamental no desempenho do processo de trabalho de enfermagem. Revela a necessidade de um olhar cuidadoso, desprovido de preconceitos, atento às necessidades do outro e ao seu sofrimento, visto que na maioria das vezes haverá a dificuldade de expressão oral por parte do autista, cabendo ao enfermeiro a escuta e prestação de assistência holística.

Ainda de acordo com Feifer et al., (2020) uma das maiores fragilidades evidenciadas se refere à carga horária destinada ao ensino da temática, que, entre as 3.600 horas do curso, está contemplada somente 55 horas para o seu desenvolvimento total, deixando evidente que a poucas horas de aula ministrada, não forma profissionais capacitados para atuar frente ao tema.

É necessário que a formação do enfermeiro sobre TEA dentro da academia ou dos cursos superiores tenham uma carga horária mais elevada, pois, serão estes profissionais que vão estar trabalhando com este público, atendendo essas famílias e fazendo acompanhamentos constantes, e com isso, faz-se necessário ter o conhecimento da maneira que se deve agir para que não se tenham traumas futuros.

Vale ressaltar que mesmo com déficit durante sua formação, ao ser levado em considerar suas próprias competências em relação aos cuidados primários que devem ser fornecidos à





criança autista, os profissionais de Enfermagem classificaram-nas como significativamente mais baixa quando em comparação a fornecer cuidados a crianças com condições médicas que incluem cardiopatia congênita, asma crônica, fibrose cística precoce e diabetes. Isso acontece porque estes profissionais não se sentem preparados para fornecer atenção primária para crianças com TEA.

Notasse que de acordo com Bonfim *et al.*, (2020) mesmo com as limitações do estudo a escassez de publicações que discutem sobre a temática proposta, desse modo, é de suma importância o incentivo novos estudos acerca da temática abordada de modo a auxiliar os profissionais da enfermagem em prestar uma assistência íntegra e de qualidade que atenda a todas as demandas de cuidado dos autistas e suas famílias, atentando-se às singularidades dos indivíduos e suas respectivas necessidades, contribuindo para o fortalecimento e ampliação dos seus laços relacionais.

4.2 DIFICULDADE QUE OS ENFERMEIROS ENFRENTAM NA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM PELA FALTA DE INSTRUMENTOS DIRECIONADO AO FLUXO DE ATENDIMENTO A CRIANÇAS COM TEA.

Outra grande dificuldade encontrada na análise dos artigos foi a falta de um modelo de SAE para o atendimento de crianças com Transtorno Espectro Autista, pois, se as secretarias de saúde tivessem um modelo que disponibilizasse para os profissionais de enfermagem, em especial para o enfermeiro que está diretamente ligado ao atendimento desses pacientes.

Neste sentido, Silva *et al.*, (2018) destacam que a utilização da SAE é de uso obrigatório em todos os serviços onde há assistência de enfermagem segundo a Resolução COFEN nº 358/2009, no local do presente estudo, é empregada por meio de um formulário onde é escrito e assinalado as repostas provenientes da anamnese e do exame físico do paciente no momento da triagem, antes de todos os atendimentos multiprofissionais, além de ter a finalidade para coletar dados, atualizar o histórico do paciente e registrar progressos e dificuldades encontradas no período em que não frequentaram a clínica, visto que os encontros aconteciam apenas três vezes na semana.

De acordo com Silva *et al.*, (2018) a SAE possui cinco etapas e que, ao completá-las, podemos traçar um perfil de cuidado individualizado baseada nos diagnósticos de enfermagem e planejamento das ações, pode-se intervir com tecnologias leve e leve dura, através de





educação em saúde para os responsáveis e atividades lúdicas que despertem o interesse da criança e sirva de estímulo complementando o trabalho dos demais profissionais.

4.3 A ABORDAGEM DO ENFERMEIRO À FAMÍLIA DURANTE O DIAGNÓSTICO E ACOMPANHAMENTO

Nesta parte da análise dos artigos, foi identificado o tipo de abordagem realizada pelo profissional de enfermagem às famílias durante o diagnóstico e atendimento dos pacientes portadores de TEA.

De acordo com Oliveira et al., (2019) observou-se que o papel do Enfermeiro no atendimento e acompanhamento de crianças com TEA é muito importante, porém, ainda não está completamente inserido em seu dia a dia, pois há uma complexidade de fatores que podem acrescer em seu trabalho junto as equipes multidisciplinares na detecção e acompanhamento do tratamento dos pacientes. A percepção dos profissionais sobre o TEA ainda alimenta estereótipos.

Neste sentido, Bonfim et al., (2018) ressalta que em alguns casos, quando a família não contribui com o planejamento ou nega-se a aceitar o que está sendo orientado, o enfermeiro pode encarar essa situação como desvalorização de seu trabalho e desenvolver, temporariamente, sentimento de revolta e raiva. Por outro lado, sentimentos motivadores, como otimismo e busca por informações sobre o TEA, podem renovar o modo de assistência de enfermagem, garantindo o cuidado continuado preconizado pelo Sistema Único de Saúde.

Compreendessemos que apesar de os profissionais buscarem informações nas mais diversas fontes, muitos ainda não atentaram para as instruções que a própria caderneta da criança traz sobre TEA. Nesta há uma página que contém informações básicas que podem auxiliar o profissional na identificação de um possível caso de autismo. Ela traz alguns sinais do TEA que podem ser associados ao comportamento da criança. É necessário que o enfermeiro conheça bem os instrumentos com os quais trabalha diariamente, para que possa exercer sua função de forma plena e oferecer os cuidados de forma contínua e sem deficiências.

4.4 ADAPTAÇÃO FAMILIAR



As relações face-a-face significativas e estáveis são estabelecidas na família, que é o microsistema responsável pelo desenvolvimento da criança. Quando nasce um filho com alguma deficiência, os planos são modificados, elevando a responsabilidade e a necessidade de investimentos, causando mais estresse e questionamentos sobre as práticas educativas tidas como ideais pelos pais (SENA et al., 2015).

Esse desenvolvimento familiar adaptativo pode causar efeitos estressores, com déficits às ações sociais, colocando as famílias em uma condição de longos cuidados e extensos períodos de dedicação à criança com TEA. O impacto do autismo na família envolve uma série de fatores que podem afetá-la ao longo de seu ciclo vital, gerando o chamado estresse parental ou familiar (HOFZMANN et al., 2019).

As famílias podem se ver diante de uma sobrecarga de tarefas, surgindo preocupações e cuidados especiais que podem gerar situações potencialmente indutoras de estresse e tensão emocional, ocasionando sintomas físicos e psicológicos nos cuidadores diretos, sendo que os irmãos dos autistas também podem ser diretamente afetados pelo impacto da enfermidade (SERRA, 201).

De acordo com Nogueira (2011) as mães de crianças autistas apresentam maior nível de estresse do que os seus pais, tendo em vista que elas se envolvem muito mais com os filhos, o que pode lhes trazer prejuízos de ordem profissional, como também da saúde mental e emocional. Os pais, por sua vez, têm as consequências minimizadas, em virtude de sua ausência rotineira no ambiente familiar, pois, geralmente, estão mais envolvidos com suas atividades profissionais do que as mães.

Além disso, diante do diagnóstico, ocorrem modificações funcionais familiares quanto ao desempenho dos papéis, uma vez que a demanda pela conjuntura da criança necessita de interações diversas de acordo com sua etapa de desenvolvimento (TABAQUIM, 2015).

Casos mais severos de TEA carecem de cuidados integrais e, conseqüentemente, geram um impacto maior. A adaptação dos membros das famílias ocorre de maneira singular aos estressores interativos. Assim, é possível considerar que o processo de funcionamento das dinâmicas familiares na solução da problemática auxilia de modo significativo não só para disfunção relacional e individual, mas também para adaptação positiva (FARO et al., 2019).

Quando a saúde de uma pessoa sofre alterações, estas podem levar a mudanças na rotina familiar, podendo desencadear estresse e desestabilidade nesta família. Os pais ficam expostos a uma excessiva carga em função da rotina de cuidados que os filhos necessitam,



porém, a capacidade de lidar com fatores estressores é variada, uma vez que os níveis de tolerância das pessoas são diferentes e singulares.

As mães costumam ser as mais afetadas pelos eventos estressores, que podem levá-las ao isolamento social, diminuição de sua qualidade de vida, depressão e grande estresse. Nesta pesquisa, foi possível perceber que o impacto advindo do recebimento do diagnóstico de TEA na família foi sendo minimizado à medida em que o familiar autista foi crescendo e se desenvolvendo conforme suas potencialidades (SUDRÉ, 2011).

Estresse, depressão e ansiedade são maiores em pais de crianças com TEA quando comparados aos pais de crianças com outras patologias, como, por exemplo, a Síndrome de Down, sugerindo que o estresse se deve às características próprias do autismo e não somente a um atraso do desenvolvimento (SMEHA, 2011).

De acordo com Teixeira (2010) apontam que a entrada das mulheres no mercado de trabalho na década de 60 não implicou mudanças na divisão das tarefas domésticas, sendo as mães, até hoje, as maiores envolvidas nos cuidados necessários e na dedicação de maior tempo ao familiar autista, o que leva à uma sobrecarga de papéis.

Corroborando com esse pensamento Vieira (2023), ressalta que as consequências enfrentadas pelos cuidadores são: responsabilidade pelo cuidado, isolamento social, ansiedade, carga emocional, levando à uma diminuição de sua qualidade de vida, aspectos corroborados nos relatos acima apresentados por parte de alguns dos entrevistados. As autoras defendem a necessidade de um suporte aos cuidadores de pacientes com problemas crônicos, em virtude de sua imersão em um cotidiano conturbado devido às tarefas acumuladas.

5 CONSIDERAÇÕES

Observou-se que o papel do Enfermeiro no atendimento e acompanhamento de crianças com TEA é muito importante, porém, ainda não está completamente inserido em seu dia a dia, pois há uma complexidade de fatores que podem acrescer em seu trabalho junto as equipes multidisciplinares na detecção e acompanhamento do tratamento dos pacientes. A percepção dos profissionais sobre o TEA ainda alimenta estereótipos.

São necessários mais cursos, treinamentos e ampliação de ações que diversifiquem os métodos hoje utilizados na rede de atenção básica para intervenções mais acertadas na assistência de crianças com TEA. Este estudo se propõe a ser uma ferramenta de esclarecimento sobre os aspectos assistenciais ao paciente com TEA, pois ainda é escassa a



literatura nessa área, gerando expectativas nos pacientes e especialmente em seus familiares de novas estratégias que promovam o diagnóstico precoce bem como a melhoria no tratamento e acompanhamento desses pacientes.

Ressalta-se ainda que a atuação dos enfermeiros na detecção precoce de sinais e sintomas do TEA enfrenta muitas dificuldades, entre elas o pouco conhecimento sobre o assunto, a formação acadêmica deficitária e o pouco investimento em educação permanente, além de esses profissionais vivenciarem sentimentos diversos ao se defrontarem com as necessidades da criança e de seus familiares.

Este estudo possibilitou a identificação da percepção, estratégias e intervenções do enfermeiro junto à criança com sinais e sintomas de TEA. A atuação nesse cenário exige que esse profissional esteja capacitado para exercer tal detecção de maneira eficaz, já que o tratamento pode ser iniciado quanto mais precocemente o TEA for identificado

REFERÊNCIAS

- BONFIM T. A, et al. Vivências Familiares na Descoberta do Transtorno do Espectro Autista: Implicações para a Enfermagem Familiar. **Rev Bras Enferm (REBen)**. 2020
- CARDOSO, M.L. **Práticas de Cuidado do Enfermeiro às Crianças com Autismo e suas Famílias: uma revisão integrativa [monografia]**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS; 2018.
- FEIFER, G.P., SOUZA, T.B., MESQUITA, L.F., FERREIRA, A. R. O., MACHADO, M.F. Cuidados de enfermagem a pessoa com transtorno do espectro autista: revisão de literatura. **Rev Uningá**. 2020; 57(3):60-70.
- FERNANDES, C.S., TOMAZELLI, J., GIRIANELLI, V.R. **Diagnóstico de autismo no século XXI: Evolução dos domínios nas categorizações nosológicas**. *Psicologia USP*. 2020; 31:1-10.
- HOFZMANN R.R., PERONDI M., MENEGAZ J., LOPES S.G.R., BORGES D.S. Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Enfermagem em Foco**. 2019; 10(2):64-9.
- JERÔNIMO, T. G. Z., MAZZAIA, M. C., VIANA, J. M., & CHISTOFOLINI, D. M. (2023). Assistência do enfermeiro (a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Acta Paul Enferm**, 36.
- MELO, P. G. G. **O papel do técnico de enfermagem e o atendimento inclusivo a Pessoa com Deficiência: uma Proposta de Intervenção Pedagógica para alunos do IRTEC**. 2022. Dissertação de Mestrado.



- MONTEIRO, C. F. S.; et al. Maternal experiences in the reality of having an autistic son: an understanding for nursing. **Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília**, v. 61, n. 3, p. 330-335, maio-jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n3/a09v61n3>>. Acesso em: 1 set. 2023.
- NOGUEIRA, M. A. A.; RIO, M.; MOREIRA, S. C. A família com criança autista: apoio de enfermagem. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n.5, p.16-21, 2011.
- OLIVEIRA, A. C. A, et al. Percepções e Desafios da Equipe de Enfermagem frente à Hospitalização de Crianças com Transtornos Autísticos. **Rev Baiana Enferm.** 2019
- SENA, R. C. F., REINALDE, E. M., SILVA, G. W. S. , SOBREIRA, M. V. S. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Rev Pesq Cuidado Fundam.** 2015; 7(3):2707-16.
- SERRA, D.. **Autismo, família e inclusão.** Polêm!ca, v.9, n.1, p.40-56, 2010.
- SILVA, G. M. R. D. (2023). Perfil de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA) atendidos em um ambulatório de média complexidade no interior do estado de SP.
- SMEHA, L. N.; CEZAR, P. K. **A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 16, n. 1, p. 43-50, jan./mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722011000100006&script=sci_arttext>. Acesso em: 1 Abr. 2023.
- SOUZA, R. A.; SANTOS, J. A.; SOARES, S. A. Uma reflexão sobre as políticas de atendimento para as pessoas com Transtorno do Espectro Autista. **Cadernos UniFOA**, v.14, n.40, p.95-105, 2019.
- SUDRÉ, R. C. R.; et al. **Assistência de enfermagem a crianças com transtorno global do desenvolvimento (TGD): autismo.** Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade Ciências Médicas da Santa Casa, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 102-106, 2011. Disponível: <<http://www.fcmscsp.edu.br/files/AA07.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2023.
- TABAQUIM, M. L. M., VIEIRA, R. G. S., RAZERA, A. P. R. , CIASCA, S. M. Autoeficácia de cuidadores de crianças com o transtorno do espectro autista. **Rev Psicoped.** 2015; 32(99):285-92.
- TEIXEIRA, M. C. T.; et al. Literatura científica brasileira sobre transtornos do espectro autista. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 56, n. 5, p. 607-614, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ramb/v56n5/v56n5a26.pdf>>. Acesso em: 1 out. de 2023.
- VIEIRA, T. A., & SOARES, M. H. (2023). **Assistência de enfermagem ao cuidado com crianças autistas: revisão integrativa.** Research, Society and Development, 12(5), e22612541735-e22612541735.
- ZANON, R. B.; BACKES, B.; BOSA, C. A.. **Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.30, n.1, p.25-33, 2014.

